

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela
coexistência de múltiplas culturas. Essa
variedade é muito importante, pois
observando as práticas e tradições de
outros povos somos levados a refletir
sobre a *solidariedade* à qual pertencemos.
Atenas, será que são gratuitas as diferentes
formas de organizar a vida social, de
conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela
coexistência de múltiplas culturas. Essa
variedade é muito importante, pois
observando as práticas e tradições de
outros povos somos levados a refletir
sobre a *coletividade* à qual pertencemos.
Atena, será que são gratuitas as diferentes
formas de organizar a vida social, de
conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará

Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

História: sujeitos, teorias e temporalidades 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: sujeitos, teorias e temporalidades 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-967-7

DOI 10.22533/at.ed.677211904

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Mais uma obra organizada pela Atena Editora centrada nas produções científicas historiográficas do Brasil e do mundo. Por conter capítulos em língua estrangeira, a obra foi dividida entre pesquisas brasileiras e pesquisas internacionais.

As pesquisas giram em torno dos mais diversos temas, com recortes teóricos, metodológicos, espaciais e temporais amplos: desde questões relacionadas ao medievo, à capítulos sobre terras indígenas e os conflitos aí presentes. São trabalhos sobre composições arquitetônicas, conflitos no Brasil (sobre demarcações de terras indígenas, sobre a construção da hidrelétrica do São Francisco, por exemplo), sobre cultura material e imaterial. Além de abordagens sobre memória, identidade, imaginário, história oral, museus, tecnologia e ciência.

Nesta obra somos apresentadas/os a termos como *queenship*, SAT e estudo sobre a tradição Védica.

Convido vocês a começarem pela leitura de “*Odeio Paulo Freire e aquele seu conceito humanista*”, de Antônio Carlos da Rocha, um capítulo que pode despertar um receio pelo título, porém, que trata dos recentes discursos de ódio presentes na sociedade brasileira, proferidos contra profissionais da educação, sobretudo atacando o patrono da educação: Paulo Freire. Começar uma obra com este capítulo é nos colocar política e socialmente contra tais discursos e reafirmar o papel da ciência e importância de estudos como os aqui presentes.

Para além de pesquisas relacionadas à educação e aos demais temas já previamente citados, você também encontra na segunda parte da obra capítulos em espanhol sobre comércio local e disputas urbanas.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes
Brasília, março de 2021

SUMÁRIO

PARTE I: PESQUISAS BRASILEIRAS

CAPÍTULO 1	1
ODEIO PAULO FREIRE E AQUELE SEU CONCEITO HUMANISTA <i>Antônio Carlos da Rocha</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119041	
CAPÍTULO 2	12
REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS CONVERGÊNCIAS ENTRE ARTE COMO IDEIA, INTERDISCIPLINARIDADE E AS NOVAS TECNOLOGIAS <i>Italo Bruno Alves</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119042	
CAPÍTULO 3	19
A INTERDISCIPLINARIDADE E A LÓGICA DIFUSA <i>Maria Cristina de Oliveira Cardoso</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119043	
CAPÍTULO 4	28
BELEZA QUE INSPIRA E ORNAMENTA (1927-1929): O GÊNERO FEMININO NO PROGRESSO RIO-PRETENSE <i>Vinicius Silva</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119044	
CAPÍTULO 5	39
DA CAATINGA AO SERINGAL: LINGUAGEM, PODER, E PROPAGANDA NO ADVENTO DA BATALHA DA BORRACHA (1942-1945) <i>Francisco Marquelineo Santana</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119045	
CAPÍTULO 6	47
COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA DE RAPHAEL ARCURI DE 1913 A 1930: ESTUDOS DOS ELEMENTOS DO ART NOUVEAU NA ARQUITETURA ECLÉTICA DE RAPHAEL ARCURI EM JUIZ DE FORA <i>Jonas Tadeu Ferreira</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119046	
CAPÍTULO 7	59
USO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA E IMAGENS AÉREAS NA CARACTERIZAÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL DE PARATY, BRASIL, NOS SÉCULOS XX E XXI <i>Rodrigo Zambrotti Pinaud</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119047	

CAPÍTULO 8	76
ALIANZAS COMUNITARIAS Y ECOLÓGICAS DE PAZ EN PUEBLO BELLO, TURBO	
Carlos Alberto Builes Tobón	
María Eulalia García Marín	
Samir Ahmed Dasuky Quiceno	
Polina Golovátina-Mora	
Yesenia Luna Oviedo	
Denisse Roca-Servat	
DOI 10.22533/at.ed.6772119048	
CAPÍTULO 9	92
CONFLITOS INTERNOS: DESDOBRAMENTOS SOCIAIS NA CIDADE DE PIRANHAS/AL EM DETRIMENTO DA INTERVENÇÃO DA CHESF (1980/2000)	
Monielly Suelen Gomes Barboza	
DOI 10.22533/at.ed.6772119049	
CAPÍTULO 10	101
INVENTÁRIO DA CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DOS IMIGRANTES ITALIANOS NA ANTIGA COLÔNIA PAIOL GRANDE – RS	
Graziela Vitória Donin	
DOI 10.22533/at.ed.67721190410	
CAPÍTULO 11	116
DELEUZE, FILOSOFIA E ARTE	
Ana Beatriz Rodrigues de Britto	
DOI 10.22533/at.ed.67721190411	
CAPÍTULO 12	130
DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E A PERCEPÇÃO DO POVO PURUBORÁ	
José Joaci Barboza	
Adriane Pesovento	
Gisele de Oliveira Montanha	
DOI 10.22533/at.ed.67721190412	
CAPÍTULO 13	147
DOWN HOUSE, A CASA DE CHARLES DARWIN: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DAS CASAS-MUSEUS	
Sílvia Sobral Costa	
João Bosco Ferreira Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.67721190413	
CAPÍTULO 14	165
NOTAS HISTÓRICAS DO DISTRITO DE MARRECA, NO CEARÁ: DOS ÍNDIOS JUCÁS AO CAFÉ DAS PRIMAS	
João Alcimo Viana Lima	
DOI 10.22533/at.ed.67721190414	

CAPÍTULO 15	178
“DECAÍDAS”, “EMBRIAGADAS” E “RAIVOSAS”: A REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUTA NA CIDADE DE SALVADOR (1960- 1978)	
Amanda Santos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190415	
CAPÍTULO 16	189
VIDA, NATUREZA, LITERATURA E LÍNGUAS AMERICANAS NA REFLEXÃO DE JOSÉ DE ALENCAR	
Valdeci Rezende Borges	
DOI 10.22533/at.ed.67721190416	
CAPÍTULO 17	199
DUAS HISTÓRIAS DE HARDWARE E SOFTWARE COMO SUPORTE AO DESENVOLVIMENTO DA COMPUTAÇÃO BRASILEIRA	
Marcia de Oliveira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.67721190417	
CAPÍTULO 18	211
HISTÓRIA DA CIÊNCIA MEDIEVAL EM PERSPECTIVA - A CONTINUIDADE EM EDWARD GRANT	
Luiz Cambraia Karat Gouvêa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190418	
CAPÍTULO 19	220
<i>QUEENSHIP</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE UM CONCEITO	
Danielle de Oliveira dos Santos-Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190419	
CAPÍTULO 20	232
SAT: DA REALIDADE	
Alina Silva Sousa de Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.67721190420	
CAPÍTULO 21	241
VESTUÁRIO E GÊNERO: NOTAS SOBRE BINARIDADE NA HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA	
Valdecir Babinski Júnior	
Daiane Evangelista Vieira de Matos	
Lino Gabriel Nascimento dos Santos	
Camila Leithold	
Helena Kappaun	
Lua Pessatto da Silva Burtet	
Sabrina Lopes Bueno	
Vitória Baratto Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.67721190421	

CAPÍTULO 22	254
AS REPRESENTAÇÕES DA AMÉRICA NO PERIÓDICO O UNIVERSAL, 1825-1842	
João Eduardo Jardim Filho	
DOI 10.22533/at.ed.67721190422	
PARTE II: PESQUISAS ESTRANGEIRAS	
CAPÍTULO 23	268
EL FRISO DEL COMERCIO LOCAL	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Pau de Solà-Morales	
DOI 10.22533/at.ed.67721190423	
CAPÍTULO 24	288
LA CIUDAD IDEAL VS. LA CRÓNICA URBANA	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Anna Royo Bareng	
DOI 10.22533/at.ed.67721190424	
CAPÍTULO 25	307
LOS IDEALES DE COMODIDAD Y ASPECTO PÚBLICO EN EL URBANISMO ILUSTRADO ESPAÑOL E HISPANOAMERICANO	
Ricardo Anguita Cantero	
DOI 10.22533/at.ed.67721190425	
SOBRE A ORGANIZADORA	317
ÍNDICE REMISSIVO	318

CAPÍTULO 20

SAT: DA REALIDADE

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 05/01/2021

Alina Silva Sousa de Miranda

Professora Adjunto IV da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus São Bernardo. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo – USP (2013). Coordenadora do grupo de pesquisa “Hístora: cultura e epistemologia” dedicado, entre outros temas, ao estudo da cultura védica. Curso de Licenciatura de Ciências Humanas. Universidade Federal do Maranhão – UFMA São Bernardo – MA
<https://orcid.org/0000-0003-3791-8563>

Este texto foi originalmente apresentado no 1º Simpósio Eletrônico Internacional de História Oriental, realizado por meio da plataforma www.simporiente2017.blogspot.com.br, gerenciado pelo LAPHIS–Laboratório de Aprendizagem Histórica, situado na UNESPAR, Campus União da Vitória, entre os dias 09 a 13 de outubro de 2017, sob o título de *Da realidade, no Visuddha-vedānta-aṣṭakam*.

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de explorar o quinto *śloka* do *Viśuddha-vedānta-aṣṭakam*, um *stotra* composto de oito *ślokas*. Nesse verso específico dessa composição, o tema é o termo *sat*. *Sat* significa ‘realidade’ e ‘existência’, tal como é explicado nos ensinamentos provenientes da tradição védica. Para explorar esse termo, porém, é preciso, antes, comentar brevemente algumas questões acerca do universo cultural

e histórico que envolve a composição, sem as quais o estudo do verso não alcança sua grandeza e importância.

PALAVRAS-CHAVE: *sat*, realidade, tempo, *vedānta*.

SAT: ABOUT REALITY

ABSTRACT: This article aims to explore the fifth *śloka* of *Viśuddha-vedānta-aṣṭakam*, a *stotra* composed of eight *ślokas*. In this specific verse, the theme is the term *sat*. *Sat* means ‘reality’ and ‘existence’, as explained in the teachings from the Vedic tradition. To explore this term, however, it is necessary, first, to comment on some questions about the cultural and historical universe surrounding the composition, without this study does not reach its greatness and importance.

KEYWORDS: *Sat*, reality, time, *vedānta*.

1 | INTRODUÇÃO

Os cânticos e os hinos na tradição védica estão separados mediante a origem (se estão nos *Vedas* ou se são composições à parte de pessoas que vivem e pertencem a essa tradição) e a métrica, a maneira de cantar. Quando dizemos pessoas à parte, ressalve-se, estamos falando de pessoas como Śāṅkara (750-850 d.C.), grande professor de *vedānta* que não só escreve grandes textos, incluindo poesia, mas torna-se um enérgico reformador do pensamento védico, daí estar envolvido em muitos debates à sua época, e eventualmente

ser estudado em comparação aos filósofos ocidentais, o que garante uma enorme limitação para o real entendimento da sua contribuição à tradição. Assim, é denominado *mantra* somente àquilo que está nos *Vedas*, apesar da popularização que o termo tomou por toda parte, e há uma forma específica de aprendê-lo e de cantá-lo, no que diz respeito à forma tradicional. E, de outra parte, para todas as composições que não são parte diretamente dos *Vedas*, denomina-se *śloka* um verso que, respeitando a pronúncia do sânscrito, não possui forma rígida no canto; e, chama-se *stotra*, composições poéticas maiores, como um poema à maneira ocidental, cujos temas centrais variam a depender do autor. A maior parte dos *ślokas* são retirados de *stotras* e alguns são bem famosos. Nosso interesse nesse artigo é pelo *stotra Viśuddha-vedānta-aṣṭakam*, escrito por Jonas Masetti, também conhecido por Vishwanath, um professor tradicional de *vedānta* que há mais de quatorze anos se dedica ao estudo e à tradição védica e atualmente é um braço desse tradicional rio de conhecimento aqui mesmo no Brasil. Essa composição foi escrita durante seu regime de internato no *ashram* indiano sob a condução do Swami Dayananda Saraswati, um dos maiores professores desse tema que se tem notícia, ambos herdeiros das enormes contribuições que Śāṅkara legou à tradição védica.

21 O STOTRA E SEU UNIVERSO CULTURAL

O papel da Índia na Ásia já foi comparado ao da Grécia na Europa/Mundo Ocidental quando a narrativa tem como ponto de partida a própria narrativa histórica ocidental. Só essa comparação deveria nos fazer desconfiar da grandeza dessa civilização tendo em vista o apreço que se costuma ter pela história da Grécia. Apesar disso, a mais simples menção a esse universo milenar ainda hoje traz à mente todo o fascínio que o Oriente distante e misterioso – com suas línguas, religiões e costumes os mais diversos – exerce sobre a imaginação ocidental. Da mesma forma, só a persistência desse imaginário estereotipado e fantasioso já deveria exigir o estudo dessa civilização com acuidade, o que infelizmente ainda não ocorre a contento, menos ainda usando as fontes dessa própria tradição compreendidas a partir do seu próprio repertório conceitual e explicativo. Sendo uma plataforma de observação válida, é verdade, essa afirmação, já pisoteada pelo tempo – ‘Índia equivalente à Grécia’ –, não deveria despertar também o mínimo de curiosidade de conhecer o ponto de vista inverso? Ao que a Grécia é comparável quando é a história indiana/védica que é a plataforma de observação?

Apesar de levantarmos essa questão, deve-se iniciar este texto afirmando que, tendo em vista o que pode nos trazer o estudo tradicional dos *Vedas*, o qual essa civilização indiana é repositório e guardião, é muito pouco se dedicar a ele mantendo-se no combate ao “preconceito clássico”, termo já bem definido como a incapacidade intelectual do ocidental de transpor o Mediterrâneo e, com isso, fundar a ideia de uma autenticidade civilizacional com os gregos – o chamado “milagre grego” (GUENÓN, 2015, p. 19-21). Não seria essa, na

verdade, a verdadeira mistificação da História? Também é pouco fazer a pergunta inversa. É preciso, para além disso, encarar o desafio de estudar os *Vedas* por suas próprias fontes, o que inclui conhecer a história tradicional indiana, procurar entendê-los a partir do seu repertório e descobrir o valor que eles possuem por si e mesmo para reoxigenar a própria história ocidental de linhagem greco-romana e europeia, quiçá chegando mesmo à conclusão de nunca se tratou de conhecer a ‘história da Índia’ adequadamente, nunca se tratou sequer de uma visão da alteridade. O valor da Índia e de seu extraordinário vigor em proporcionar o conhecimento tradicional dos *Vedas* é, antes de tudo, nos ajudar a retornar para nós mesmos, para além da história. Compreenda-se: é muito mais que dizer que seu valor está ‘para além dessa história que venceu’. Não se trata de uma guerra ou de um complemento de narrativas, nem mesmo de uma revisão apesar de, como afirma Thomas McEvilley (2020, p. 30), “under these circumstances it is not surprising that the story of the relationship between Greek and Indian philosophies has remained a closed book to this day. Eighteenth- and nineteenth-century scholars, lacking adequate source materials for the Indian side of the relationship, were feeling their way in the dark”.

O *śloka* que aqui propomos o estudo exige, pois, a ênfase em dois aspectos da cultura indiana tradicional: a pouca relevância da História, no sentido de historiografia; e a permanência da oralidade. Isso, por sua vez, desafia a teoria historiográfica ocidental a refletir sobre a realidade para além de si mesma: para além do tempo e para além da escrita.

Em termos de historiografia, o mundo indo-gangético tradicional sempre causou desconforto ao Ocidente pela ausência do método histórico, tal como o desenvolvemos aqui. Ademais, a existência de diferentes cronologias sempre foi argumento de que é difícil estudar esse mundo pela falta de fontes adequadas. Porém, apesar da irrelevância e até da ausência da historiografia, a tradição védica (que se confunde em muitos aspectos com a história indiana por ser esta sua guardiã) oferece uma boa reflexão ao ofício da História, aos historiadores. O fato dessa civilização indiana permanecer ainda hoje ligada por mil fios a seu longínquo passado, presentificando-o a todo momento, provoca a questão basilar dessa área de estudos que se importa tanto e tão pouco ainda em questionar o próprio conceito de tempo. Assim, extrapolar a questão de saber se o passado é útil porque explica o presente ou se ele o é apenas por ser uma referência de realidade ao qual o presente lança questões, como a noção mais moderna ou pós-moderna dos estudos históricos reivindica, é fundamental e mais que necessário.

Como a Índia, em particular a veia da tradição védica, mantém vivo e à salvo no presente seu passado milenar? Se as velhas civilizações do Nilo, do Tigre e do Eufrates encerraram, há milênios, suas glórias, o Indo e o Ganges vivem, ainda hoje, a força de sua tradição. A despeito de toda e qualquer mudança e apesar das influências externas e seculares vindas do Ocidente, a mesma tradição que se perde nos obscuros inícios da história indiana se mantém. Como? O que é o tempo e a realidade para essa civilização?

Como as fontes nos ajudam a responder essas interrogações e qual o sentido disso na experiência espaço-temporal dos indianos? No limite, como pensar a história fora da ‘História’? Uma vez lançadas essas interrogações, mesmo que preliminarmente, deveríamos avançar e perguntar como o entendimento dessa experiência pode ajudar a reoxigenar os conceitos de tempo e realidade do mundo ocidental, em particular, nas ciências humanas e na atividade historiográfica.

O segundo aspecto é a permanência da oralidade. Só é possível que essa presença do passado seja tão evidente devido a tradição oral, tradição viva ainda hoje na Índia e fora dela. E essa observação já nos afasta de uma fantasia purista antropológica que pretende encontrar uma cultura não assediada pelo seu exterior. A tradição mantém-se viva justamente pela sua capacidade de se adaptar sem perder sua ligação com seu princípio, com a fonte de conhecimento que são os *Vedas*.

Entendida, pois, para além de uma faculdade humana, uma vez que nos comunicamos nessa modalidade, a oralidade é o local onde repousa o conhecimento. Na tradição védica, a tradição oral é a própria tradição viva de ensino. Não se trata, pois, de uma metodologia oral para recuperar um saber que não está escrito. Mas sim: ainda que os versos estejam escritos, eles nada significam sem a tradição oral que os respaldam. Nesse entendimento, é muito claro que o conhecimento está disponível para todos que se comprometem a adquiri-lo, nunca para aqueles que, ainda que expostos, não tomam a iniciativa de ouvir e isso de maneira transnacional. A escrita e o saber não são sinônimos. O processo tradicional de estudo exige a escuta e, longe de expressar que o conhecimento está na pessoa do mestre – da figura do “guru” vulgar, mais um termo popularizado e descontextualizado – revela que o gesto verdadeiro e autêntico é colocar-se aos pés da oralidade, num ritual realizado há milhares de anos que exige a presença e o consentimento de ambos os envolvidos: o professor e o aluno na corrente do *paramparā*, ou seja, da tradição. A confiança está sempre na tradição, e não na figura do professor, que é só um instrumento para que um relacionamento se estabeleça e a mensagem dos *Vedas* seja passada. Inclusive, o termo tradicional refere-se a isso. “Tradicional é precisamente mais que (uma perspectiva) histórica, transcendendo o estatuto de uma contingência histórica, o que implica dizer que ela incorpora um elemento de Revelação (...) e da eternidade”, como bem afirma Smith (2017, p. 19). Porém, o sentido dessa qualificação “eternidade”, só explica nos termos da própria tradição. E esse é o tema do *śloka*: sobre a realidade, realidade esta que está para além do tempo.

Nesse sentido, para compreender essa sociedade oral e o próprio *śloka*, é necessário mais que um exercício de erudição. À tradução pura e simples, é preciso estar imerso no exercício de escuta, identificando-se tanto quanto possível à mentalidade daquele que o pensou, remediando as incompreensões. Creditar toda a verdade à escrita, ao texto, é esquecer que o ensinamento oral precedeu em quase todos os lugares o ensinamento escrito. De modo geral, um escrito tradicional não é, na maior parte dos casos, mais que a

fixação relativamente recente de um ensinamento que era transmitido primeiro oralmente e ao qual é bem raro que se possa assinalar um autor. É ainda Guéron (2015, p. 30) que afirma:

A pretensão à originalidade intelectual, que contribuiu em grande parte para o nascimento dos sistemas filosóficos é, mesmo entre os Ocidentais, algo totalmente moderno, que a Idade Média ignorava ainda; as ideias puras e as doutrinas tradicionais nunca constituíram a propriedade de tal ou qual indivíduo, e as particularidades biográficas daqueles que as expuseram e interpretaram são da mínima importância.

Assim, a autoria não é mais relevante que a mensagem, mesmo no Ocidente era assim. E essa desimportância da individualização das concepções é um forte argumento para explicar a ‘ausência’ de História. Às afirmações de que a literatura védica não se elevou acima do nível das crônicas e dos romances pomposos, e que detalhes de lugar e datas nunca foram fixados, mesmo em se tratando da vida dos grandes homens – afirmações antes demeritórias à elevação intelectual da Índia e da cultura védica como um todo -, ocorre hoje o reconhecimento de que 1) a poesia e a palavra ofertada em hinos e cânticos sempre foram superiores à marcação cronológica sublunar à maneira ocidental/grega; 2) o hindu não tem a mesma noção de cronologia compreendida no sentido rigoroso que o ocidental prefere atribuir-lhe, nem a experiência imediata tem valor de verdade. Como afirma Guha (2002, p. 63), “experience stands for truth in the European narrative”. O valor dado ao sentido histórico e sua relação com a experiência humana no mundo, à falta de termo de comparação, é ofuscado quando se esquece que a Índia, por exemplo, até a conquista inglesa, desenvolveu sua civilização fora da História (ARIÈS, 2013, p. 114). A contingência da vida humana é desprezível quando comparada à ênfase no Absoluto que impele todo o pensamento védico.

Para compreender, então, a tradição védica em seus próprios termos, o estudo minucioso dos *stotras*, ou mesmo *ślokas*, é extremamente relevante. À falta de cronologia rígida, devemos nos ater à enorme literatura salvaguardada pela civilização indiana, que mesmo sendo uma sociedade marcadamente oral, guarda o significado profundo e metafórico do que é realidade também em textos e versos que, se estudados de forma apropriada, estão abertos ao entendimento.

3 | A VISÃO DE SAT NO VIŚUDDHA-VEDĀNTA-AṢṬAKAM

É no quinto verso dessa composição que o autor trata do aspecto *sat*, da ‘existência’, da ‘realidade’. É importante frisar que as palavras em todo o método de estudo da tradição védica não têm o papel de explicar, mas de apontar para o entendimento do que se pretende dizer. A fala, a palavra, são apenas meios para compreensão, utilizada para negar enganos, não para apontar qualidades. A palavra é *lakṣaṇā*, ou seja, uma indicação. No

caso, tratar de *sat* é uma maneira de apontar para o entendimento do que é a Realidade. Sendo absoluto, *sat* não tem características, não pode ser descrito, não pode ser adjetivado. Adjetivos imprimem limitação ao objeto: se for largo, não é estreito, tudo que é comprido, não é curto, e assim por diante.

Para entender o *śloka* (sem desconsiderar que este é um estudo introdutório e a própria escrita cria limites maiores que a explicação oral), segue a escrita em sânscrito, a transliteração convencional e a tradução.

□□□□□□□□□□ □□ □□□□□□ □□□□ □□ □ □□□□□□□□□□□□ □□□□
□□□□□□□□ □□ □□□ □□□ □□□

*sannāsatassato vāpi nāmāntā viṣayā uta | anirvāṅmahimā yasyā māyāvinyai
namo namaḥ ||5||*

Saudações de novo e de novo para a ilusionista, da qual a glória é indescritível. [E de que forma é indescritível? Assim:] "o que existe não surge do que existe nem mesmo do que não existe". Os objetos são aqueles dos quais o fim é o nome [e não somente o início].

Anirvāṅmahimā yasyā māyāvinyai namo namaḥ. Quer dizer, saudações à ilusionista que é capaz de criar a aparência de realidade através da individualização, essa é sua glória indescritível. A que isso se refere?

Vamos a um exemplo. Uma árvore. O que é uma árvore? Raiz, caule, folha, flor e fruto, juntos. Se, dessa árvore, tirarmos todas as folhas, o que temos? Sem folhas, mantemos a ideia de árvore em nossa percepção. Mas, ao olhar para as folhas, não podemos afirmar que temos uma árvore. Da mesma forma, se retirarmos as flores e os frutos, ao olharmos para o que foi retirado, flores e fruto, eles não são árvore, mas ainda mantemos o conceito 'árvore' à vista. Se retirarmos o caule, porém, provavelmente a ideia de árvore começa a desaparecer. Ao tirar cada uma das partes, não tiramos "árvore" em nenhuma ocasião. Então, que é a árvore? Caule é árvore? Não é. A árvore é um conceito individualizado, uma forma que criamos na mente e interagimos com ela. Damos realidade a ela, mas essa realidade é uma realidade dependente, dependente de cada parte do conjunto, no caso, árvore depende, para existir, das partes, mas as partes não são árvore, por sua vez. Essa capacidade de fazer existir onde não há existência – que é chamada de *māyā* – é reverenciada no início do verso.

Estudar o termo *sat* é parte da indagação acerca da verdade, *tattva-viveka*. Acompanhando o raciocínio de Glória Arieira, nos comentários do *Tattvabodhah*, texto de Śāṅkara (2014, p. 44), que trata o tema, compreendemos: a palavra *sat* vem da raiz verbal *as*, que significa 'ser'.¹ A verdade, *tattva*, para a tradição védica, é que existe um único real, *satya*, e tudo o mais é aparente, *mithyā*. *Viveka* é a discriminação do que é *tattva*, a

1. No *Apte Sanskrit Dictionary Search* o primeiro significado desse termo (1.2.P; *asti, aasiit, astu, syaat*) é: 'ser', no sentido de mostrar a existência. Disponível em <http://www.aa.tufs.ac.jp/~tjun/sktdic/>, acessado em 05 de janeiro de 2021.

verdade, ou seja, a discriminação entre *satya* e *mithyā*. *Sat* é sinônimo de *ātmā* e de *satya*, e todos fazem referência à verdade que é eterna, imutável e absoluta. *Sat* é o sempre existente, aquilo que nunca muda e, portanto, não pode ser negado nos três tempos: presente, passado e futuro, *trikāla-abādhitam*. *Sat* é a base do próprio tempo.

Esse conhecimento, apesar de abstrato, tem uma implicação muito concreta na vida mesma, como também para a ideia de História. O conhecimento sobre o *ātmā*, ou a reflexão sobre o que é *sat*, a verdade, é feita por aquele que deseja *mokṣa*, ou seja, a liberação. Liberação de que? Liberação do sentimento de limitação e de insatisfação que atormenta a vida e causa sofrimento. *Mokṣo me bhuyādītchā*, significa exatamente isso: o desejo de que ‘haja liberação em mim’. Este é um desejo urgente daqueles que querem aprender a lidar com o fluxo inexorável de mudanças da vida: mudanças no corpo, nos pensamentos, nas decisões, nas conclusões, etc. Mudanças, no fim, cujo significado está na base da palavra “história”.

Só podemos historiar algo se nos apercebemos das mudanças do objeto e, nessa medida, “fazer história” é sempre partir do ponto de vista do indivíduo que percebe e articula tempo/mudança e narração. A liberação que se fala na tradição védica é sempre da mudança, do *samsāra*, no limite, da história. Daí a tradição védica e, portanto, a civilização indiana tradicional, não ter historiografia, uma escrita da história, e, ao mesmo tempo, ela dedicar atenção ao significado de *sat*, aquilo que não muda, que é imutável.

Samsāra não é a vida em si, mas a interpretação errada de si mesmo e do mundo. A liberação que a tradição védica fala é desse julgamento equivocado da nossa identidade, que nos aprisiona a um círculo de sofrimento. Uma vez que o entendimento do que é o ser humano está alinhado ao que é a realidade, *sat*, a história, tal como entendemos seu objeto no Ocidente – a vida humana no tempo – tem uma realidade *mithyā*, aparente. *Mithyā* não é o falso, mas o que é passível de experimentação mediante sua realidade dependente. Tendo discriminação, mais importante, então, é dar ênfase ao que é a própria realidade em si. Como afirma Dasgupta (1932, p. 4),

the appearance of the world as reality is therefore true only in a limited manner during the period when the veil of ignorance (*loka-saṃvṛta*) is not removed from our eyes; and this is signified by designating the truth (*satya*) of the world as only *loka-saṃvṛta*. This world-appearance is however relatively true when compared with the ordinary illusions of perception (when e.g., a piece of rope is perceived as a snake, or when one sees a mirage in a desert).

Ademais, o desejo de liberação advém da argumentação lógica de que para toda mudança ocorrer é preciso algo que suporte esse movimento, algo que seja fixo, que seja a base. Advém, também da percepção empírica individual: apesar do fluxo de mudanças que ocorrem na vida de cada um, na história de cada um, há sempre o reconhecimento de que o indivíduo sabe quem ele é, todo mundo acorda diariamente reconhecendo-se o mesmo. Na visão dos *Vedas*, essa permanência é chamada de *ātmā*, ou *sat*, e está para além da memória e do tempo. *Sat* ou *ātmā*, como afirma Glória Arieira (2014, p. 77),

é como o Sol e está sempre presente. Mesmo quando as nuvens o cobrem, ele continua lá; o encobrir é em relação a nossa visão do Sol, não a ele mesmo. Da mesma forma, mesmo quando a plenitude parece ter sumido, devido à presença de vários pensamentos de preocupação e insatisfação, ela permanece lá como o Ser.

Ātmā não é aquilo com o que nós nos identificamos: nosso corpo, nossos pensamentos, nossas ações e, por ser diferente disso, seu conhecimento oportuniza a pessoa a encontrar um centro em sua vida, centro do qual vem toda sua força e liberdade. A liberdade é, então, ver-se livre de um modo de pensar e estar no mundo que aprisiona – que faz crer que é possível “adquirir” liberdade. Esse verbo, “adquirir”, não pode ser usado com liberdade porque, uma vez que se precise adquirir, significa que não se tem; e uma vez que se pretenda adquirir, sanciona-se a ideia de que alguém ou algo pode “dar” liberdade às pessoas. O conhecimento do *ātmā* esclarece que a liberdade só é possível se ela já estiver presente na pessoa que a busca, sendo, portanto, um problema da ordem do conhecimento, da mudança de cognição, da eliminação da ignorância que a impede de perceber essa presença. A liberação não é uma conquista, não é um produto da história. É uma liberação da história.

A segunda parte do *śloka* aprofunda ainda mais o entendimento. Faz isso fazendo referência à *Madukya Upanishad*: “o que existe não surge do que existe nem mesmo do que não existe”, o verso afirma, os objetos são aqueles dos quais o fim é o nome [e não somente o início]. *Sannāsatassato vāpi nāmāntā viṣayā uta*, refere-se à ideia de que, sem causa, se algo existe, não pode se modificar.

Afirmar que o que existe não vem daquilo que não existe nega o engano de acreditarmos que algo pode surgir do nada. O verso relembra que essa afirmação não está de acordo com a nossa experiência. Tudo que ocorre, ainda que não vejamos, tem uma causa. É ilógico um efeito sem causa, não há evidências empíricas de algo que, subitamente, tenha surgido do nada.

Agora, mais profundamente, o verso afirma que o que existe não pode vir do que existe. Nesse ponto o verso quer explorar, para além da relação de causa e efeito – a partir da ideia de transformação que aparentemente ocorre na criação das coisas, por exemplo, se alguém tem barro, pode transformá-lo em pote – a questão da imutabilidade do que existe, do que é real. No clássico exemplo do barro que se transforma em pote, o verso nos convida a pensar que o que está ocorrendo não é a transformação do barro em pote, transformação da causa em efeito. O barro continua sendo barro mesmo depois do pote pronto. A causa continua sendo causa no efeito. De onde, então, vem o pote?

O entendimento do conceito de *mithyā* já é pré-requisito aqui. A questão não é afirmar que o efeito é aparente. Pode-se analisar isso empiricamente: o barro não se transformou “realmente” em pote. O ensinamento é que a realidade é una, não se altera, nem se divide. Esse movimento de causa e efeito não é possível para o que é *sat*. Se algo vem de algo e se transforma, se o que é real vem de algo que também é real, isso equivale a dizer que a

realidade não é absoluta. Não pode haver espaço entre duas coisas que existe e, por isso, *sat*, é, por princípio, imóvel.

Assim, o verso afirma que os objetos são aqueles cujo fim é o nome. Aqui o autor faz referência à ideia bem explorada no universo de *vedānta* de que o objeto passa a existir depois que se dá um nome a ele. Uma forma, se nos é dito que é algo, criamos um conceito e ela passa a existir, tal como a árvore e o pote. Já reconhecendo a realidade relativa do objeto, o *śloka* afirma que o objeto passa a existir a partir do momento que se dá realidade a ele, e deixa de existir – é o “fim” dele –, quando se reconhece que ele só existe quando se dá um nome a ele. Afirmar que a coisa existe porque lhe foi dado um nome, apela, então, à percepção da não-realidade dos objetos e à imutabilidade do Ser, *sat*. Assim, *sat*, é aquilo cuja grandeza é indestrutível, indescritível, mas ainda assim, passível de ser cognitivamente apontada para liberar o homem do fardo da história, dando-lhe liberdade para viver sua história.

AGRADECIMENTOS

Para a confecção do artigo, agradecimentos ao Prof. Victor Mattos, professor de sânscrito do Instituto Vishva Vidya pelo apoio na tradução e ao próprio *Āchārya* Jonas Masetti, que gentilmente cedeu sua composição poética em forma de *stotra* para servir de fonte em nosso estudo a respeito do conceito de realidade, *sat*, na tradição védica. Para a transliteração do sânscrito para o português, utilizamos o alfabeto internacional IAST (em inglês, International Alphabet of Sanskrit Transliteration).

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **O tempo da história**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

GUÉNON, R. **Introdução geral ao estudo das doutrinas hindus**. São Paulo: Instituto René Guénon de Estudos Tradicionais, IRGET, Editora e Distribuidora, 2015.

GUHA, Ranajit. **History at the limit of world-history**. New York: Columbia University Press, 2002.

ŚĀṄKARA. **Tattvabodhah**: o conhecimento da verdade. Tradução e comentários da Profa. Glória Arieira. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro, Editora Vidya Mandir, 2016.

SMITH, Wolfgang. **A sabedoria da antiga cosmologia**. Trad. Adriel Teixeira, Bruno Geradine e Cristiano Gomes. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

SCHARFSTEIN, Bem-Ami. **A comparative history of world philosophy**: from the Upanishads to Kant. Albany, State University of New York Press, 1998.

MCEVILLEY, Thomas. **The shape of ancient thought**: comparative studies in Greek and Indian philosophies. USA, Nova York: Allworth Press, 2002.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 116

Américas 88, 189, 254, 259, 266

Arquitetura 14, 16, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 74, 152, 154, 160, 201, 202, 203, 205, 206, 210

Arte Brasileira 12

Arte Conceitual 12, 14, 16, 18

Arte Contemporânea 12, 14, 16, 17

Avaliação 19, 20, 21, 22, 25, 26, 67, 94

C

Cartografia Histórica 59, 61, 62, 72

Charles Darwin 147, 148, 159, 160, 161, 162, 163

Ciência Medieval 211, 212

Conflitos 92, 93, 95, 96, 113, 134, 145, 255, 259, 260, 264

Continuísmo 211

Contradição 1, 3, 4, 5, 11, 31, 126, 185

Cultura Material 101, 103, 104, 105, 114, 291

D

Deleuze 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Demarcação 30, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 169

Down House 147, 148, 149, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163

E

Ecletismo 47, 48, 49, 50, 51

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 20, 26, 28, 35, 37, 38, 56, 130, 133, 142, 144, 145, 165, 166, 167, 176, 181, 187, 213, 244, 257, 317

F

Filosofia 5, 8, 36, 37, 75, 116, 129, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Filosofia Natural 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219

H

Hardware 199, 207, 208

História 8, 12, 19, 20, 26, 28, 38, 57, 59, 74, 75, 92, 93, 99, 101, 114, 116, 130, 131, 132,

144, 145, 146, 153, 160, 162, 163, 176, 178, 184, 187, 188, 189, 199, 209, 211, 212, 213, 214, 217, 219, 220, 232, 234, 235, 236, 238, 241, 245, 246, 252, 266, 267, 317

História Ambiental 59

História da Ciência 211

História da Computação 199

História da Educação 10, 28

História Indígena 130, 132, 145

Historiografia 29, 132, 153, 211, 212, 214, 219, 220, 221, 234, 238, 255

Humanismo 1

I

Idade Média 182, 188, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 220, 224, 225, 228, 236, 246, 248, 249, 250

Identidade 49, 57, 101, 102, 103, 104, 105, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 138, 144, 145, 147, 149, 151, 152, 154, 155, 161, 162, 190, 213, 223, 238, 242, 257, 259, 265, 266, 267

Imigração Italiana 101, 103, 107, 114

Imprensa 28, 29, 39, 40, 43, 69, 176, 221, 230, 254, 255, 256, 257, 258, 266

Interdisciplinaridade 12, 19, 21, 22, 25, 26, 153, 165, 166

J

José de Alencar 189, 194, 195

Justiça Ecológica 77

L

Linguagem 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 56, 57, 189, 190, 191, 192, 195, 196, 198, 204, 205, 206, 209, 252, 256

Literatura 13, 14, 123, 133, 136, 137, 185, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 217, 236, 241, 251

Lógica Difusa 19, 22, 23, 24, 25

M

Mata Atlântica 59, 74

Memória 37, 49, 57, 101, 103, 104, 105, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 127, 139, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 202, 203, 204, 207, 208, 238, 317

N

Natureza 12, 14, 15, 17, 34, 59, 74, 117, 118, 119, 120, 126, 129, 141, 148, 168, 189, 190,

191, 192, 193, 197, 198, 213, 214, 215, 217, 218, 264

P

Paisagem Histórica 59

Paulo Freire 1, 2, 5, 7, 8, 11

Plataforma Sucupira 20, 21, 25, 26

Poder 3, 5, 6, 11, 17, 36, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 49, 64, 66, 69, 74, 77, 79, 80, 82, 86, 87, 96, 97, 98, 99, 105, 113, 117, 120, 151, 152, 168, 180, 185, 201, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 256, 257, 261, 266, 270, 271, 281, 282, 291, 292, 294, 304, 305, 311, 313, 315

Programas de Pós-Graduação 19, 20, 21, 24, 25

Propaganda 28, 30, 39, 40, 41, 42, 43, 45

Q

Queenship 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231

R

Rainhas 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

Realeza 153, 166, 220, 227, 228, 246

Realidade 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 22, 35, 42, 43, 97, 98, 119, 126, 127, 134, 146, 154, 155, 180, 191, 192, 203, 205, 223, 228, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 257, 261, 264

S

SAT 232, 236, 237, 238, 239, 240

Saúde Mental 77

Sociedade 5, 6, 9, 10, 11, 16, 20, 21, 24, 29, 34, 45, 46, 49, 60, 75, 92, 104, 107, 111, 117, 119, 132, 137, 144, 146, 151, 152, 154, 178, 184, 185, 186, 192, 193, 198, 235, 236, 241, 242, 244, 251, 256, 257, 263, 265

Software 62, 199, 202, 206, 207, 208

T

Tempo 8, 10, 13, 15, 34, 35, 52, 53, 55, 56, 59, 72, 75, 97, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 136, 137, 140, 145, 150, 155, 157, 160, 168, 170, 175, 185, 186, 187, 190, 195, 204, 206, 210, 213, 217, 222, 225, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 238, 240, 249, 250, 260, 261, 262, 264

Terras Indígenas 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 143, 144, 145

Testemunho 77, 184

U

Urbanismo 307, 308

V

Vedānta 232, 233, 236, 240

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.arenaeditora.com.br
 contato@arenaeditora.com.br
 [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
 www.facebook.com/arenaeditora.com.br

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br